SHATTERKIND

Seleção De Bombeiro

Estão sussurrando perto de mim... mas não são sussurros. Então estão falando comigo? Não — não é uma conversa. Ele está gritando por mim.— ele grita e eu o vejo. — Acorda! — Ele fala repetidamente enquanto bate no meu rosto. — Acorda Wei Lin! — e então eu vejo a mim mesmo com uma roupa de bombeiro. Estou me olhando. Sou eu... Falando comigo?

— Wei, nós conseguimos! Realizamos nosso sonho de ser bombeiro! — esse sou eu.

Me vi ali, a poucos passos de mim mesmo. E vendo a alegria em nossos rostos aquilo acaba quando algo atravessa o peito dele. Um corte limpo, brutal. Meu outro eu foi partido ao meio.

O sangue jorrou como uma onda e respingou direto no meu rosto.

Quente.

Real.

Fiquei ali, imóvel, sentindo o gosto metálico no canto da boca. O corpo caiu aos meus pés, e tudo ficou em silêncio... Minhas mãos tremiam porém quando decido levantar a cabeça vejo que estava em uma alucinação.

Agora, vejo que estou no quartel de bombeiros com vários participantes.

Fechei os olhos por um instante. A imagem de mim mesmo, sorrindo em uniforme completo, ainda estava lá. Tão vivida quanto a sensação do sangue quente escorrendo pelo meu rosto.

Algo está errado comigo.

Muito errado.

Abrindo os olhos e tentando focar no que é real, decido caminhar um pouco pelo quartel. Preciso de ar. — então, finalmente meu intercâmbio vai começar aqui. — Penso. — neste quartel de bombeiros... —

Lembro que, naquele salão, havia outras pessoas. — talvez eu devesse ir conhecê-las. — Ao chegar, vejo alguns rostos novos. Outros eu reconheço, sendo os intercambistas assim como eu. Vieram para essa seleção de bombeiros. Neste pais, o Brasil.

O Quartel de bombeiros militar em Gramado no Rio grande do Sul é aqui que minha história começa. — vou lutar para me tornar um bombeiro... como eu sempre sonhei... — Murmuro, quase sem voz. Mas ao dizer isso, a lembrança daquela alucinação retorna como um corte súbito. A imagem do meu outro eu sendo partido ao meio ainda pulsa na minha mente. Respiro fundo para me afastar desses pensamentos. Então decido procurar os intercambistas. Com

vinte anos recém-completados, ainda me sinto perdido em meio a tanta novidade.

Caminho até o salão principal, onde encontro várias pessoas da minha idade. Jovens, alguns ansiosos e outros bem confiantes. Inclusive, havia uma moça usando um colete de bombeiro vermelho com uma faixa branca cruzando a cintura. Vestia uma calça legging preta, e com um sorriso sádico. Contrastava com os cabelos médio solto, parecia animada para mim. E mesmo após olhar todos ali.

Nenhum sinal do oficial encarregado de nós receber.

Em um telão, — Olá a todos, estamos ao vivo informando para que vocês não saiam de suas casas! Alguns desastres ocorreram pelas cidades.— diz o jornalista que aparece no telão do quartel. — Acabamos de receber mais informações e não é somente no Rio grande do Sul é por todo mundo! — alguns dos participantes fica preocupados

com a situação e com medo. — Cadê o oficial que ainda não apareceu? — um dos participantes fala desesperado.

Em meio aos participantes agitados e assustados, meu olhar se prende a um rosto conhecido.

É a Meiying — minha amiga de infância. Também veio de intercâmbio para o Brasil.

— Ei, Meiying! Sou eu, o Wei Lin! — aceno, aliviado. Ela me encara por um instante, surpresa, e então se aproxima com um pequeno sorriso.

— Wei! Eu não te vi no voo que pegamos. Achei que não tivesse vindo. Dou um passo para o lado e olho ao redor. As pessoas ainda parecem inquietas, algumas quase em pânico.

— Mei... acho melhor ficarmos juntos. — digo em voz baixa. — Com todos esses desastres acontecendo... eu não sei o que pode acontecer a qualquer momento.

De repente a sirene do quartel começa a tocar. Um estrondo ecoa à distância – uma explosão, muito longe dali. Um dos destroços voou até aqui e atingiu a caixa d'água dos bombeiros, perfurando-a. A água começa a jorrar e também começa a chover, a caixa d'água ameaça a desabar sobre os participantes abaixo.

Mei corre sem hesitar, tentando conter o vazamento antes que algo pior aconteça.

— Mei, não faça isso! — Grita Wei, alarmado.

Mas ela estava decidida.

Queria ajudar o quartel a todo custo.

Logo em seguida, a mulher de jaqueta vermelha de bombeiro também corre em direção à caixa d'água com um sorriso psicótico, pronta para subir a caixa d'água junto de Mei e agir.

Ao alcançar o topo da caixa d'água, Mei agarra o destroço com as duas mãos. Com um esforço tremendo, puxa o metal cravado e sua mão sangra um pouco. – uma lâmina torcida, ainda úmida do impacto. – e o arranca de uma vez. A pressão dentro da caixa d'água se libera com um jato de água violento, mas o pior é evitado.

Lá embaixo, todos observam oque ela acabou de fazer em silêncio. Mas o silêncio não dura.

— Essa garota é bombeira? — Um dos participantes fala.

— Ela é uma das participantes também! — Um dos participantes também fala com a felicidade do ato de ajuda de Mei pelo quartel.

— Você é incrível garota! — O mesmo cara que perguntou fala novamente.

Uma figura em cima se aproxima de Mei em cima da caixa d'água. – a moça de jaqueta vermelha.

— parabéns, garota. Você realmente ajudou o quartel. — sussurra bem perto do ouvido dela, com um tom que Mei gela.

Mei vira o rosto a encarando, confusa.

É então que a voz muda de tom:

— pena que esse será seu último ato salvando vidas. —

Mei cai.

O impacto é seco, o grito agudo. Wei assiste tudo, impotente, enquanto a assassina permanece lá no alto, sorrindo – um sorriso cruel, sádico – admirando o desespero estampado nos olhos da Meiying caida.

— Essa participante de jaqueta de bombeiro, é louca? — Um dos participantes fala.

— Ela é completamente surtada! — uma participante fala arrepiada.

Wei corre até Mei e olha às pernas. — Wei, eu não consigo levantar... Porque tá olhando para minhas pernas assim? — Mei fica olhando o rosto de seu amigo, sua voz sai em um sussurro, quase engasgado.

Tenta mover um pé. Nada.

Tenta se arrastar. Nada.

— Merda, ela perdeu os movimentos das pernas... — Pensa Wei, logo olha para a mulher lá em cima, com um olhar de raiva.

— Meiying confiava nas pessoas. Ela acreditava nesse lugar, nessa missão... E você jogou tudo isso no chão. Eu vou te derrubar. Não por raiva... Mas por justiça. — diz Wei com uma revolta emocional.

E então eu ajudo Mei a se levantar e então apoio ela nas minhas costas. — tudo bem, eu carregar você? — Mei confirma balançando a cabeça enquanto seu rosto está triste. — A mulher de jaqueta vermelha desce. Um dos

participantes recua meio passo quando ela passa por ele – como se um instinto avisasse que ela é um perigo.

— Para onde você pensa que vai! — Wei grita, logo ela para com às mãos na jaqueta olhando para ele com aquele sorriso. Wei anda em direção dela com sua amiga nas costas, porém a caixa d'água começa a despenca em direção dos participantes. Wei se vira de costas para o quartel e corre dali.

Os participantes começam a correr, um deles enquanto corre pergunta. — como isso caiu? A pressão não tinha saído? — porém ele fica assustado ao vê o pé da caixa d'água cortado pela mulher de jaqueta.

Uma enchente começa sendo assim mais um desastre que está acontecendo no mundo. Wei está lutando correndo pela própria vida e de sua amiga Meiying. Instantes depois, Wei estava andando pelas ruas devastadas de **Gramado**. —

como teve tantos desastres em pouco tempo? — Me pergunto.

Chegando em um local protegido da chuva.

Abaixo a Mei no chão para ajudá-la.

— Sinto muito Mei... Eu queria poder ajudar. — Mei olha para Wei e diz. — Está tudo bem... Arriscamos nossas vidas pelas vidas inocentes certo? Você está fazendo isso por mim. — então depois de tantos desastres vejo o sorriso de Mei voltando logo eu ficando feliz por ela também.

— Bom devemos voltar para o quartel de bombeiros. Ver como estão as coisas por lá. —

Uma figura surge na chuva, caminhando em direção a Wei Lin.

O som dos passos se mistura ao barulho das gotas batendo no chão encharcado. Wei se ergue, controlando sua respiração. Instintivamente, estende o braço para trás, protegendo Meiying, indicando que ela permaneça atrás dele.

— Quem é você?! — a voz de Wei ecoa pelas ruas.

Nenhuma resposta. Apenas o som dos pés da figura se arrastando na rua molhada.

A figura se aproxima mais... Logo a luz de um poste reflete sobre a figura misteriosa, Wei finalmente enxerga. É um Homem porém com o rosto completamente desfigurado e as vísceras expostas, balançando grotescamente com cada passo.

Wei sente o estômago revirar.

— Vamos, garoto... Venha comigo... — o Homem fala com uma voz quase sufocada pelo próprio sangue.

De repente, do lado esquerdo de seu corpo, algo começa a se mexer. Do espaço entre suas costelas, a carne se deforma, se contorce... E uma criatura surge dali – deformada, horrenda – o corpo do homem que estava todo deformado começa a se regenerar sozinho e voltar ao normal.

— Isso... não é possível — Wei sussurra, os olhos fixos no corpo do homem que se regenerou diante dele.

— O que... Você é, afinal? — pergunta para o homem com a voz carregada de confusão e incredulidade.

— Eu... Sou um griefborn. Nascido da morte que você rejeita encontrar um dia. Vim buscar pessoas para um... experimento, junto com meus novos amiguinhos... — ele lança um olhar para a criatura que está em sua costela.

— Você vem comigo, não é? — a voz baixa e carregada de ameaça, quase um sussurro cruel.

A chuva fica mais forte, com ventania misturando água e lama ao redor. O griefborn avança com olhos fixos em Wei e Meiying. Sem hesitar, ele agarra Wei pelo ombro e o arremessa contra uma das casas próximas, que se estilhaça com o impacto.

Meiying, desesperada, tenta se arrastar com os braços até Wei mas o griefborn já próximo com sua criatura olhando para Meiying pronto para atacar. Antes que ele consiga alcançá-la, Wei se ergue, sangue escorrendo de arranhões leves pelo seu rosto, ele agarra um pedaço de madeira do chão, girando o braço e lançando-o contra o griefborn.

O griefborn se protege com seu braço enquanto a criatura de sua costela faz um dos ossos da costela direita do

homem quebrar e atingi a nuca da garota fazendo ela desmaiar, o homem senti algumas dores na costela e coloca a mão no local do osso partido. Wei sente uma fúria crescente, mas também percebe a vantagem: o griefborn está concentrado na madeira que foi lançada em sua direção, como se não esperasse algo vindo do chão.

Inspirado pelo instinto de proteção, Wei realiza um movimento rápido e improvisado: ele corre para direita do griefborn quando a madeira atingi o griefborn.

Ele observa o inimigo com atenção: o Griefborn acaba perdendo o Wei de vista. Era tudo que Wei precisava.

Usando a lama a seu favor, ele desliza pelo chão, se abaixando para evitar a atenção da criatura da costela. Saltando sobre destroços e pedaços de madeira que se espalhavam pelo terreno, Wei cria um caminho improvisado, aproveitando cada obstáculo para ganhar velocidade sem ser visto.

O Griefborn percebe tarde demais: Wei estava mais próximo do que imaginava.

Com um impulso, Wei usa o braço para empurrar um barril vazio na direção da criatura deformada, desviando momentaneamente a atenção do inimigo. O Griefborn cambaleia para o lado, surpreso — por um instante, os olhos humanos do Homem aparecem no meio do horror, revelando choque e confusão.

Wei aproveita o momento e se projeta, agarrando a costela do Griefborn onde a criatura se contorce, usando toda a força para puxar e desequilibrar o inimigo. O choque físico o aproxima o suficiente para que ele tente afastar o griefborn da Meiying.

Mas antes que possa concluir o movimento, um osso surge da costela direita do griefborn atingindo Wei com uma força devastadora, jogando-o para trás e fazendo-o desmaiar.

Apesar disso, Wei sente o olhar do inimigo — surpreso, quase impressionado — e sabe que conseguiu entrar no espaço do Griefborn, algo que poucos conseguiriam.

O Griefborn ergue os dois inconscientes e desaparece na chuva. Mesmo desmaiado, Wei mantém em sua mente o fio de esperança: ele encontrou uma fraqueza e conseguiu usar sua inteligência, e essa luta ainda não acabou.

— Hora de acordar! — ouço uma voz familiar. Diante de mim, vejo... Eu mesmo.

— Você deixou a gente ser capturado tão facilmente, não é? — meu reflexo fala, exibindo um sorriso estranho.

Meu peito aperta.

— Por que estou vendo minha própria imagem de novo... Será que já morri ou enlouqueci de vez? —

Antes que consiga receber uma resposta, tudo se desfaz com um impacto brutal. Sinto um soco atravessar meu rosto e cuspo muito sangue.

Abro os olhos, ofegante. O lugar em que me encontro é um pesadelo vivo: um salão úmido, repleto de pessoas desmembradas. Algumas lembram o griefborn que enfrentei antes, como se fossem humanos quebrados e remontados à força.

E lá está ele. O mesmo griefborn que me capturou, observando-me com uma calma cruel. Forço o corpo mas percebo logo a situação, estou preso em uma maca vertical. Pescoço, braços, pernas e cintura todos firmemente amarrados. Não posso dar um único passo.

Meu olhar percorre o salão até um canto mal iluminado, onde encontro Meiying caida no chão, ainda

inconsciente. O coração dispara. — ela ainda respira. Mas por quanto tempo? — comecei pensar sobre nossa situação.

— Pelo visto, meu soco fez você acordar... — diz o griefborn, aproximando o rosto do de Wei. — Qual é o seu nome, garoto asiático? —

Wei responde cuspindo sangue direto na cara dele. — Quando eu me soltar daqui, o primeiro que vou matar... é você! — rosna com os olhos ardendo de raiva.

O salão se enche de risadas. Os outros griefborn que assistem à cena gargalham alto, divertindo-se com a ousadia de Wei. O captor não rir, o punho dele acerta em cheio o estômago de Wei, que tenta se curvar amarrado, sufocado pela dor.

— Tsc... moleque insolente. — Outro soco, ainda mais forte, faz o sangue subir novamente à boca. — Pena que você não vai sair vivo daqui. — Ele enxuga o cuspe do rosto,

exibindo um sorriso perverso. — Lhe trouxe para ser meu experimento, seu pedaço de merda. — A voz dele reverbera pela sala, carregada de ódio e prazer sádico.

Wei levanta o olhar, mesmo com a visão turva pela dor. O griefborn então ergue os braços, como quem anuncia um espetáculo. — Ah, e é um prazer me apresentar. Eu sou John... o homem que vai te matar. As gargalhadas ecoam outra vez, ainda mais altas, como uma plateia macabra assistindo à humilhação do prisioneiro.

— Vamos dar início ao experimento! — anuncia John, a voz ecoando pelo salão. Dois griefborn avançam, soltando as amarras dos braços de Wei apenas para esticá-los, prendendo-os firmemente. O protagonista sente os músculos arderem no esforço inútil de se soltar. Atrás de John, Wei enxerga algo impossível o próprio reflexo, sorrindo de forma ampla e perturbadora, como se estivesse ansioso pelo que viria.

Um dos griefborn da plateia caminha até John, entregando um serrote enferrujado. O John segura com prazer visível, aproximando a lâmina dos olhos de Wei. — Seu corpo vai cuspir muito sangue agora, garoto! — John agarra o braço esquerdo de Wei, imobilizando-o. O protagonista encara a lâmina, o rosto tomado pelo medo, o som metálico da serra encostando na pele ecoa pela sala.

A dor explode. Wei grita, a voz rasgando a garganta. O sangue escorre pelo braço enquanto as lágrimas se misturam ao suor. — AAAH! P-pare... — mas as palavras se perdem em soluços de dor. A mente dele começa a falhar. A respiração fica curta, o corpo treme. Então, como se fosse arrancado da realidade, Wei vê de novo seu reflexo diante de si em um local amplo e claro.

Dessa vez, o reflexo não só sorri! — ele parece falar sem mover os lábios, transmitindo um pensamento direto ao coração de Wei. — Você vai deixar que eles nos quebrem... — Enquanto meu reflexo transmitia aquele pensamento, sinto uma nova explosão de dor: eles serram também o meu

braço direito. O grito morre na garganta, transformando-se em soluços abafados. O sangue escorre pelo chão como uma poça quente.

O reflexo então fala, com calma perturbadora:

— Griefborn não é invencível, Wei. Sabia que, se aquelas criaturas nas costelas, no pescoço, na perna, ou em qualquer parte do corpo forem arrancadas… eles não voltam mais à vida? — Levanto a cabeça, o rosto molhado de lágrimas, e o encaro. Ele veste o uniforme de bombeiro que sempre sonhei em usar, reluzente, limpo, como se fosse uma versão perfeita de mim.

— C-como você sabe disso…? — pergunto, a voz fraca, quase um sussurro. John surge diante de mim, segurando meus dois braços arrancados como se fossem brinquedos grotescos. Ele os balança e sorri, zombando — Não vai dizer nada, garoto? Já morreu de vez? —

— Abram a boca dele! — John ordena.

Dois Griefborn seguram minha cabeça, forçando meus maxilares. John aproxima os dedos arrancados, o sorriso crescendo. — Hora de comer sua própria carne, moleque. — Enquanto isso, meu reflexo continua caminhando em círculos ao redor de John, como uma sombra que só eu enxergo. — Garoto… eu vou te dar duas opções: você morre aqui, devorado pela própria fraqueza… ou finalmente me mostra como vai nos tirar daqui. —

As risadas dos Griefborn enchem a sala. Eu apenas choro, sem conseguir responder, esmagado entre a dor, o medo e aquela voz que parece ser minha, mas soa cada vez menos humana. John pressiona minhas próprias mãos contra minha boca, tentando me forçar a mastigar a carne arrancada junto dos meus braços. O gosto metálico do sangue me invade, e o desespero me sufoca.

Meu reflexo, ainda diante de mim, com ódio ele grita. — Vai se fuder, moleque! Eu mesmo cuido disso! — No mesmo instante, ele some. Minha visão escurece, a consciência se dissolve. Quando volto a mim, o cenário é outro. O chão está encharcado de sangue. O corpo de John sem cabeça, o pescoço aberto com muito sangue. Os dois griefborn que me seguravam estão caídos também, mutilados. Eu olho para baixo e sinto o peso. Meus próprios braços decepados estão presos entre meus dentes, como se tivesse sido forçado a morder até o osso. Atrás de mim, algo pulsa. Uma criatura estranha, retorcida, se ergue a partir da minha coluna, rangendo como ossos quebrando. O silêncio toma a sala. O restante dos griefborn, antes em festa, agora recua, horrorizado. Todos me encaram — não como uma vítima, mas como um monstro descontrolado.

Wei cospe os dois braços ensanguentados no chão. Seus olhos se arregalam quando vê a carne se recompor, os ossos se alinharem e os braços começarem a se regenerar, voltando lentamente ao corpo. Ao erguer a cabeça, ele encontra Meiying desperta, os olhos arregalados de medo. Dois griefborn a seguram com força, impedindo qualquer

reação. Dentro de sua mente, a voz retorna. Seu reflexo, com o uniforme de bombeiro manchado de sangue, surge no subconsciente:

— O que você está fazendo? — ele pergunta com desprezo.

— Por que você ainda está se segurando? — a voz insiste, com um sorriso cruel.

— Mata todos eles e vamos sair daqui! —

As palavras cortam fundo. O reflexo se aproxima, encarando-o nos olhos.

— Esqueceu o que eles fizeram com a gente? Agora todos eles pensam que você é um monstro... um Griefborn! —

Sem perceber, Wei abre um sorriso. Os dentes marcados de sangue brilham à luz fraca da sala.

— Prove isso para eles! — a voz ordena.

Um dos griefborn salta pelo telhado do salão e avança contra Wei. Antes que ele alcance o chão, a criatura que brota das costas de Wei perfura a cintura do inimigo com o braço deformado, rasgando-o ao meio. No mesmo movimento, desfere um soco tão violento que arranca a mandíbula do homem, que cai inerte no chão. Dois outros griefborn tentam aproveitar a brecha e atacam de lados opostos. A criatura de Wei reage instintivamente: o teto acima deles se rompe e as tábuas retorcidas puxam os agressores para cima, esmagando-os ao atravessar o espaço aberto.

Decapitados com o corpo pendurado no teto.

Wei não perde tempo. Dispara em direção a Meiying. Com um chute certeiro, derruba o griefborn que a segurava, e antes que ela atinja o chão, ele a envolve nos braços..— Você está bem, Meiying? — pergunta, a respiração pesada. Ela acena com a cabeça, os olhos marejados de medo. Sem olhar para trás, Wei a segura firme contra o peito e corre disparado para fora do salão ensanguentado.

Wei entra em um edifício enorme. No centro da sala, uma longa mesa de madeira se estende como um altar macabro. — Wei… parece que o Natal chegou cedo, hein? — diz o reflexo de Wei, a voz em sua mente. Com cuidado, ele coloca Meiying em uma das cadeiras na frente da mesa. Logo, dez griefborn entram na sala, avançando lentamente . — Meiying, não olhe! Eu vou te proteger! — Wei grita, e naquele instante, a criatura da sua coluna se manifesta, criando um corpo idêntico ao seu — o reflexo em uniforme de bombeiro surge diante dos inimigos.

— Senta aí, Wei! — ordena a criatura, tocando no peito dele antes de lançar-se contra os griefborn.

Três deles atacam simultaneamente, mas com três toques rápidos, o reflexo derruba os três. Uma mordida precisa elimina os corpos, arrancando-os completamente. O restante dos griefborn recua, aterrorizado, e se ajoelha no chão. — Ele… ele é diferente. Ele fala com o humano dele e também consegue sair do corpo… — murmura um dos griefborn, assustado.

— Você pode ser nosso novo mestre? Não queremos lutar… não temos chances… — acrescenta o outro. — Então sentem-se à mesa conosco — diz o reflexo de Wei, aproximando-se de Wei. Ele arranca simbolicamente o peito de Wei, tocando o coração do protagonista.

— Wei, agora você decide o que fará daqui em diante! — a voz ecoa, e o reflexo some. Wei se senta em uma cadeira de frente para a mesa, observando todos os griefborn sentados em cada cadeira da mesa.

— Você está bem, Wei Lin? — pergunta Meiying.

— Estou sim, Mei! — ele responde, respirando fundo.

Um mês depois dos ocorridos de destruição no mundo todo. A manhã chega, e um dos griefborn começa a encher a mesa de comida. Todos comem, mas cinco deles começam a fazer bagunça, tentando pegar mais do que podiam. Wei se concentra: o chão se abre sobre eles, e os cinco são soterrados. Os dois restantes permanecem, aterrorizados, encarando-o.

Wei sorri, olhando para Meiying:

Nesse momento.

Wei vê sua lembrança de como matou o John mesmo sendo atacado por inimigos em sua costa fez a luta ser

apenas uma brincadeira para si acabando com os três sozinho.

— Agora temos um objetivo… ir atrás daquela assassina!

O reflexo de Wei, em pé no final da mesa, atrás de Wei sorri, silencioso, como se aprovasse a decisão.

Autor: Mangakahero.
[Fim do ato I]